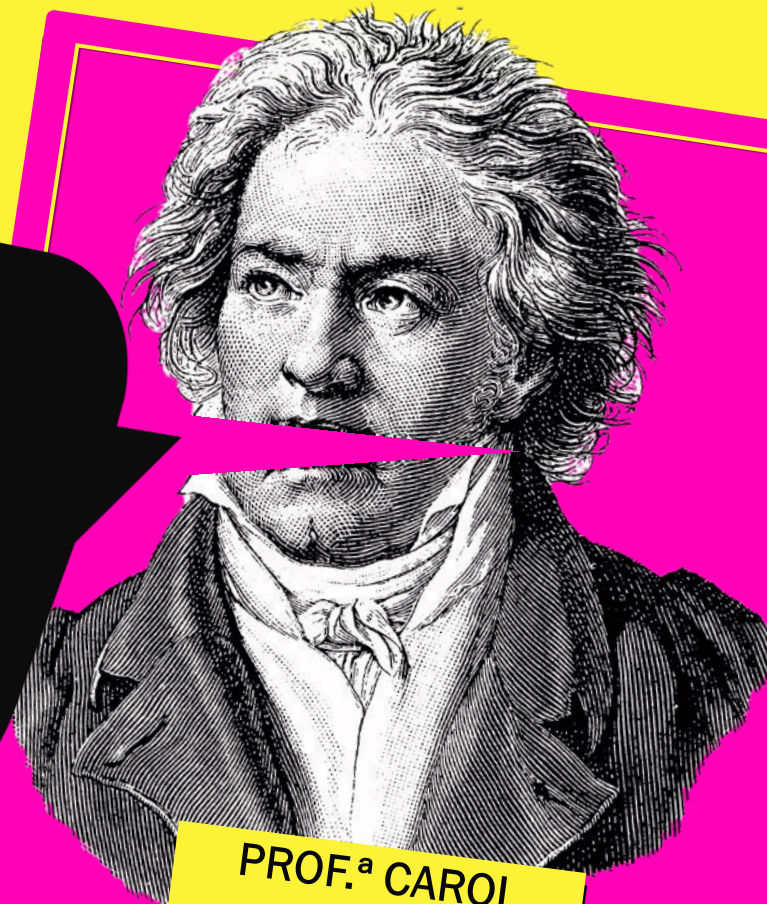


**REVISÃO
UNIOESTE
2022**



**PROF.^a CAROL
ARENHART**

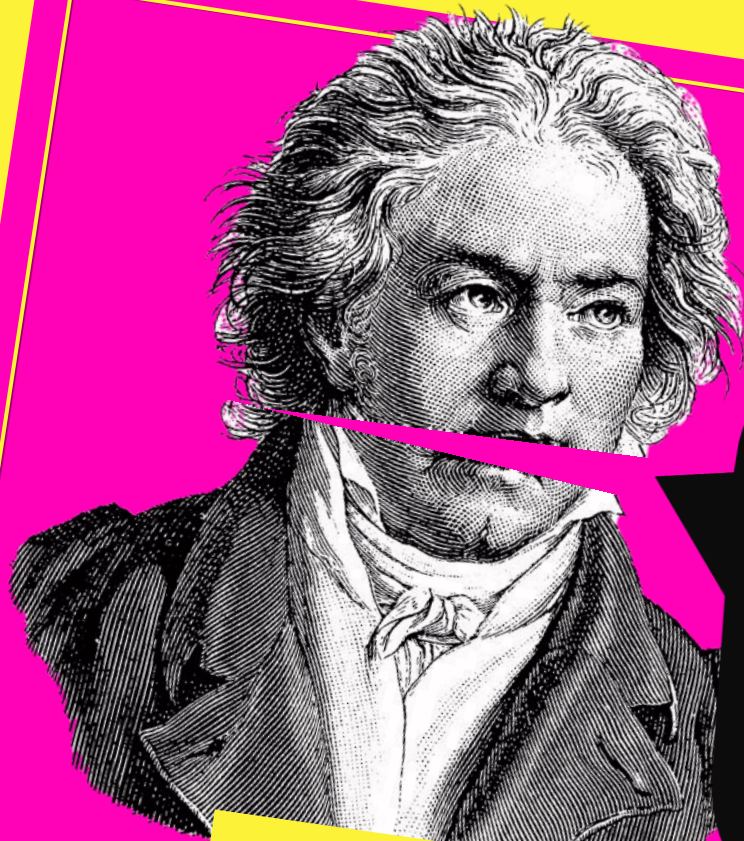
Literatura Brasileira



Do Parnasianismo ao pós- Modernismo

Olavo Bilac
Cruz e Sousa
Manuel
Bandeira
Jorge de Lima

Cecília Meireles
Vinícius de
Moraes
João Cabral de
Melo Neto



CRÍTICA

LITERÁRIA

Remorso
e
O incêndio de Roma

OLAVO BILAC

O incêndio em Roma (1888)

Raiva o incêndio. A ruir, soltas, desconjuntadas,
As muralhas de pedra, o espaço adormecido
De eco em eco acordando ao medonho estampido,
Como a um sopro fatal, rolam esfaceladas.

E os templos, os museus, o **Capitólio** erguido
Em mármore frígido, **o Foro**, as erectas arcadas
Dos aquedutos, tudo as garras inflamadas
Do incêndio cingem, tudo esboroa-se partido.

Longe, reverberando o clarão purpurino,
Arde em chamas **o Tibre** e acende-se o horizonte...
- Impassível, porém, no alto do Palatino,

Nero, com o manto grego ondeando ao ombro, assoma
Entre os libertos, e ébrio, engrinaldada a fronte,
Lira em punho, celebra a destruição de Roma.

Rai/va o in/cên/dio. A/ ru/ir,/ sol/tas,/ des/con/jun/ta/das
As/ mu/ra/lhas/ de/ pe/dra, o es/pa/ço a/dor/me/ci/do
De e/co em/ e/co a/cor/dan/do ao/ me/do/nho es/tam/pi/do

Templo arcaico,
dedicado a Júpiter,
construído por Rômulo
na cidade de Roma

Fórum – lugar onde se
reuniam os edifícios em
que funcionam os
órgãos burocráticos,
praças...

Rio situado na cidade de
Roma, 3.º mais longo da
Itália

Personificação do incêndio – raiva; garras inflamadas.

Poema descritivo: cena histórica – incêndio em Roma supostamente provocado por Nero.

Nero – importante e polêmica personagem histórica, atribui-se a ele fatos, como matricídio, orgias, perseguição a cristãos, assassinatos e etc.

Soneto
Dodecassílabo
Abba abba cdc dcd

Remorso (1919)

Às vezes, uma dor me desespera...
Nestas ânsias e dúvidas em que ando.
Cismo e padeço, neste outono, quando
Calculo o que perdi na primavera.

Versos e amores sufoquei calando,
Sem os gozar numa explosão sincera...
Ah! Mais cem vidas! com que ardor quisera
Mais viver, mais penar e amar cantando!

Sinto o que desperdicei na juventude;
Choro, neste começo de velhice,
Mártir da hipocrisia ou da virtude,

Os beijos que não tive por tolice,
Por timidez o que sofrer não pude,
E por pudor os versos que não disse!

Poema de
inclinação
reflexiva

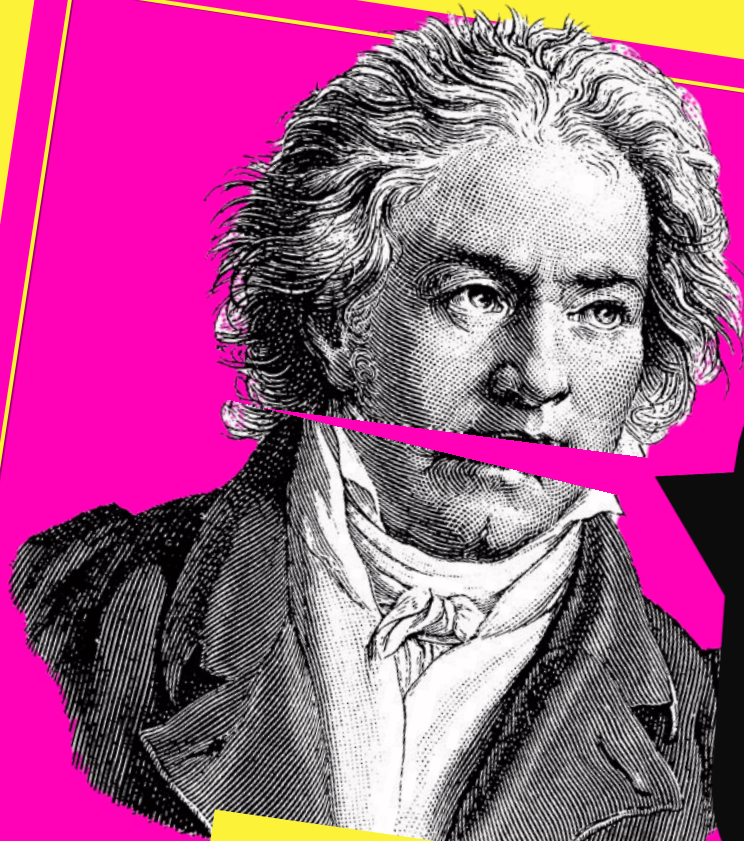
Metáforas:
Outono/primavera
Velhice/juventude

Publicado na
obra *Tarde*
(marcada por temas
históricos e certa
subjetividade)

Leva à reflexão
sobre escolhas
equivocadas ou
oportunidades
perdidas ao longo
da vida

Metalinguagem?
Queria ter sido
mais livre em seus
poemas? Menos
parnasiano?

Soneto
Decassílabo
Rimas ricas
Abba abba cdc dcd



CRÍTICA

LITERÁRIA

ACROBATA DA DOR

e

SINFONIAS DO OCASO

CRUZ E SOUSA

Metáfora da condição do artista: na sociedade moderna, vive para agradar a multidões

Acrobata da dor (1893)

O riso e a dor exprimem-se pelos olhos e pela boca

Soneto
Decassílabo
ABBA/ABBA/CCD/CCD

O riso e as lágrimas são os filhos da aflição

Interlocutor: 2.^a pessoa (tu)

O riso assume caráter “grotesco” – deslocamento para a 2.^a pessoa

Interlocutor: Coração (próprio eu lírico na 2.^a pessoa)

Gargalha, ri, num riso de tormento, como um palhaço, que desengonçado, nervoso, ri, num riso absurdo, inflado de uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta, agita os guizos, e convulsionado Salta, gavroche, salta clown, varado pelo estertor dessa agonia lenta...

Pedem-te bis e um bis não se despreza!
Vamos! reteza os músculos, reteza nessas macabras piruetas d'aço...

E embora caias sobre o chão, fremente, afogado em teu sangue estuoso e quente, ri! Coração, tristíssimo palhaço.

Musselina: tecido transparente
Bruma: nevoeiro
Ocaso: pôr do sol

Sinfonias do Ocaso (1893)

Processo do anoitecer

Sacrário: lugar sagrado
Sidéreo: celestial
Furnas: cavernas, grutas

Soneto
Decassílabo
ABBA/ABBA/CCD/CC
D

Musicalidade:
aliteração

Áureo: dourado; esplendor
Turíbulo: incensório

Sugestão e misticismo:
sinestesia

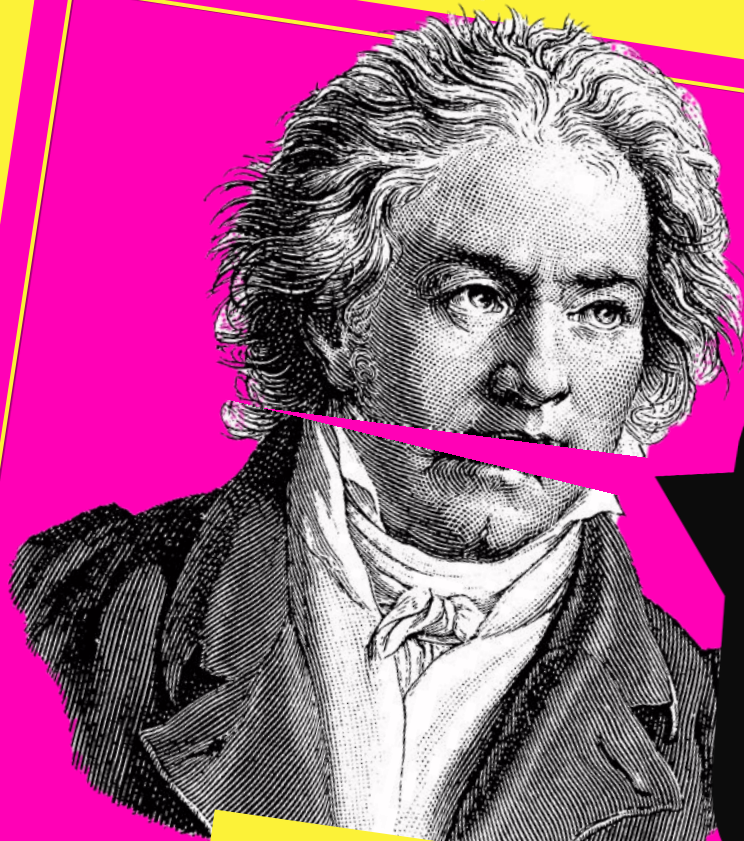
Plenilúnio: lua cheia
Plangir: comunicar de maneira triste

Musselinosas como brumas diurnas descem do ocaso as sombras harmoniosas, sombras veladas e musselinosas para as profundas solidões noturnas.

Sacrários virgens, sacrossantas urnas, os céus resplendem de sidéreas rosas, da Lua e das Estrelas majestosas iluminando a escuridão das furnas.

Ah! por estes sinfônicos ocasos a terra exala aromas de áureos vasos, incensos de turíbulos divinos.

Os plenilúnios mórbidos vaporam ...
E como que no Azul plangem e choram cítaras, harpas, bandolins, violinos ...



CRÍTICA

LITERÁRIA

EU VI UMA ROSA
e
CARTAS DE MEU AVÔ

MANUEL BANDEIRA

Eu vi uma rosa (1945)

Eu vi uma rosa
- Uma rosa branca -
Sozinha no galho.
No galho? Sozinha
No jardim, na rua.

Sozinha no mundo.

Em torno, no entanto,
Ao sol de meio-dia,
Toda a natureza
Em formas e cores
E sons esplendia.

Tudo isso era excesso.

A graça essencial,
Mistério inefável
- Sobrenatural -
Da vida e do mundo,
Estava ali na rosa
Sozinha no galho.

Sozinha no tempo.

Tão pura e modesta,
Tão perto do chão
Tão longe na glória

Da mística altura,
Dir-se-ia que ouvisse
Do arcanjo invisível
As palavras santas
De outra Anunciação.



Eu vi uma rosa
– Uma rosa branca –
Sozinha no galho
No galho? Sozinha
No jardim, na rua.
Sozinha no mundo.

Título / 1.º verso
Repetição: anáfora

Figura de linguagem:
Gradação

Em torno, no entanto,
Ao sol de meio-dia
Toda a natureza
Em formas e cores
E sons esplendia.

Monístico: resume a
estrofe anterior

Contraste:
Sozinha ≠ estar
cercada de elementos

Personificação da
rosa: pura e
modesta, perto
do chão e longe
na glória da
altura mística.

Tudo isso era excesso.

A graça essencial
Mistério inefável

– Sobrenatural –

Da vida e do mundo,
Estava ali na rosa
Sozinha no galho.

Sozinha no tempo.

Tão pura e modesta,
Tão perto do chão
Tão longe na glória
Da mística altura,
Dir-se-ia que ouvisse
Do arcanjo invisível
As palavras santas
De outra Anunciação.

Monístico: resume a
estrofe anterior

Metáfora de Maria?
Possibilidade, pois...
*Poderia ser dito que
ouviu as palavras
santas de outra
Anunciação do
arcanjo invisível.*

Métrica:
pentassílabo/
redondilha menor

A tarde cai, por demais
Erma, úmida e silente...
A chuva, em gotas glaciais,
Chora monotonamente.

E enquanto anoitece, vou
Lendo, sossegado e só,
As cartas que meu avô
Escrevia a minha avó.

Enternecido sorriso
Do fervor desses carinhos:
É que os conheci velhinhos,
Quando o fogo era já frio.

Cartas de antes do noivado...
Cartas de amor que começa,
Inquieto, maravilhado,
E sem saber o que peça.

Temendo a cada momento
Ofendê-la, desgostá-la,
Quer ler em seu pensamento
E balbucia, não fala...

A mão pálida tremia
Contando o seu grande bem.
Mas, como o dele, batia
Dela o coração também.

A paixão, medrosa dantes,
Cresceu, dominou-o todo.
E as confissões hesitantes
Mudaram logo de modo.

Depois o espinho do ciúme...
A dor... a visão da morte...
Mas, calmado o vento, o lume
Brilhou, mais puro e mais forte.

E eu bendigo, envergonhado,
esse amor, avô do meu...
Do meu – fruto sem cuidado
Que inda verde apodreceu.

O meu semblante está enxuto.
Mas a alma, em gotas mansas,
Chora, abismada no luto
Das minhas desesperanças...

E a noite vem, por demais
Erma, úmida e silente...
A chuva em pingos glaciais,
Cai melancolicamente.

E enquanto anoitece, vou
lendo, sossegado e só,
As cartas que meu avô
Escrevia a minha avó.

A tarde cai, por demais
Erma, úmida e silente...

A chuva, em gotas glaciais,
Chora monotonamente.

E enquanto anoitece, vou
Lendo, sossegado e só,
As cartas que meu avô
Escrevia a minha avó.

Enternecido sorriso
Do fervor desses carinhos:
É que os conheci velhinhos,
Quando o fogo era já frio.

Cartas de antes do noivado...
Cartas de amor que começa,
Inquieto, maravilhado,
E sem saber o que peça.

Te...
O...
Quer ter em seu pensamento

E...
A...
Contando o seu grande bem.
Mas, como o dele, batia
Dela o coração também.

A noivão medroso dentes,
C...do.
E...tes
Mudaram logo de modo.

Depois o espinho do ciúme...
A dor... a visão da morte...
Mas, calmado o vento, o lume
Brilhou, mais puro e mais forte.

E eu bendigo, envergonhado,
esse amor, avô do meu...
Do meu – fruto sem cuidado
Que inda verde apodreceu.

O meu semblante está enxuto.
Mas a alma, em gotas mansas,
Chora, abismada no luto
Das minhas desesperanças...

E a noite vem, por demais
Erma, úmida e silente...
A chuva em pingos glaciais,
Cai melancolicamente.

E enquanto anoitece, vou
lendo, sossegado e só,
As cartas que meu avô
Escrevia a minha avó.

Chuva: recurso
condensador de
emoções

Chuva: recurso sonoro –
monotonia sonora (das
gotas de chuva, das
redondilhas)

Mudança no esquema
rítmico: ABBA
Quebra na emoção:
sorriso

Temendo a cada momento
Ofendê-la, desgostá-la,
Quer ler em seu pensamento
E balbucia, não fala...

A mão pálida tremia
Contando o seu grande bem.
Mas, como o dele, batia
Dela o coração também.

A paixão, medrosa dantes,
Cresceu, dominou-o todo.
E as confissões hesitantes
Mudaram logo de modo.

Depois o espinho do ciúme...
A dor... a visão da morte...
Mas, calmado o vento, o lume
Brilhou, mais puro e mais forte.

E eu bendigo, envergonhado,
esse amor, avô do meu...
Do meu – fruto sem cuidado
Que inda verde apodreceu.

O meu semblante está enxuto.
Mas a alma, em gotas mansas,
Chora, abismada no luto
Das minhas desesperanças...

E a noite vem, por demais
Erma, úmida e silente...
A chuva em pingos glaciais,
Cai melancolicamente.

E enquanto anoitece, vou
lendo, sossegado e só,
As cartas que meu avô
Escrevia a minha avó.

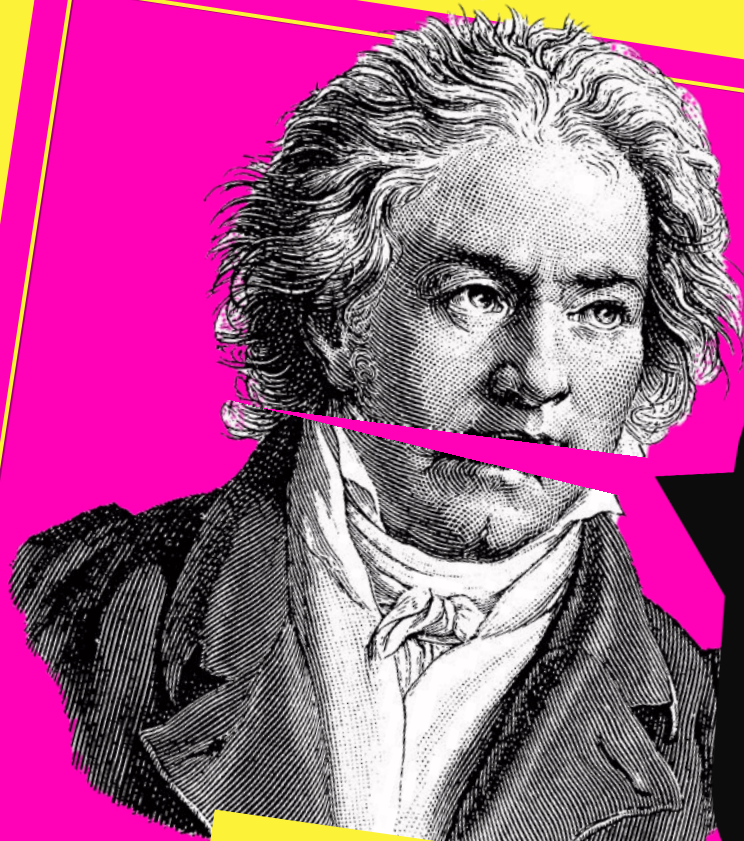
Frustração do eu lírico:
incapacidade de amar
como o avô

Melancolia; saudades de
algo não vivido

O choro que se inicia na chuva,
passa ao interior do eu lírico (a
alma);
Transição: tristeza do exterior ao
interior

O eu lírico desfruta a
sensação melancólica
proporcionada pela leitura
das cartas

Repetição e continuidade: da
chuva, do choro, da leitura,
do deleite



CRÍTICA

LITERÁRIA

O ACENDEDOR DE LAMPIÕES

JORGE DE LIMA



Dodecassílabo
Alexandrino

Desigualdade
social



Soneto

Hipocrisias

ACENDEDOR DE LAMPIÕES

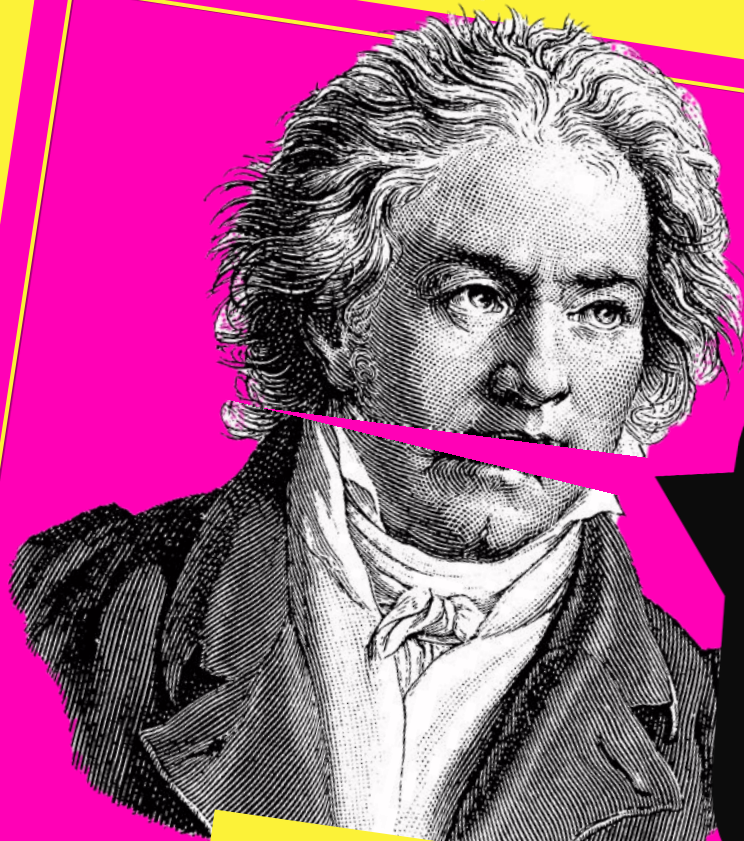
Lá vem o acendedor de lampiões da rua!
Este mesmo que vem infatigavelmente,
Parodiar o sol e associar-se à lua
Quando a sombra da noite enegrece o poente!

Um, dois, três lampiões, acende e continua
Outros mais a acender imperturbavelmente,
À medida que a noite aos poucos se acentua
E a palidez da lua apenas se presente.

Triste ironia atroz que o senso humano irrita: —
Ele que doira a noite e ilumina a cidade,
Talvez não tenha luz na choupana em que habita.

Tanta gente também nos outros insinua
Crenças, religiões, amor, felicidade,
Como este acendedor de lampiões da rua!

RIMAS Cruzadas
ABAB



CRÍTICA

LITERÁRIA

O quarto motivo da rosa

CECÍLIA MEIRELES

4.º motivo da rosa (1945)

Não te aflijas com a pétala que voa:
também é ser, deixar de ser assim.

Rosas verás, só de cinza franzida,
mortas intactas pelo teu jardim.

Eu deixo aroma até nos meus espinhos,
ao longe, o vento vai falando em mim.

E por perder-me é que me vão lembrando,
por desfolhar-me é que não tenho fim.

Efemeridade da vida: o
envelhecer, perder a beleza,
findar

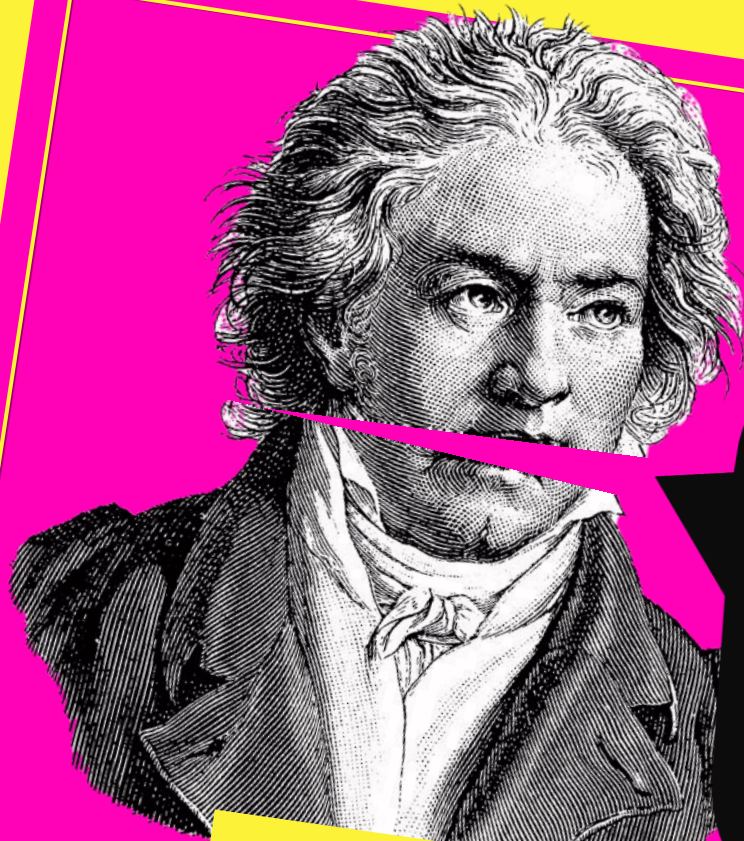
A Rosa consola o
artista/interlocutor

Outra possibilidade de
existência: o não ser mais bela

O futuro guardado a todas as
rosas: mortas pelo jardim

As marcas, as sensações as
lembranças ficam - nada físico
sobrevive.

Dísticos
decassílabos



CRÍTICA

LITERÁRIA

Poema de natal

VINÍCIUS DE MORAES

POEMA DE NATAL

Balanço do que passou e do que importa = o que de fato tem valor na vida?

Para isso fomos feitos:
Para lembrar e ser lembrados
Para chorar e fazer chorar
Para enterrar os nossos mortos –
Por isso temos braços longos para os adeuses
Mãos para colher o que foi dado
Dedos para cavar a terra.

Assim será a nossa vida:

Uma tarde sempre a esquecer
Uma estrela a se apagar na treva
Um caminho entre dois túmulos –
Por isso precisamos velar
Falar baixo, pisar leve, ver
A noite dormir em silêncio.

Sublinha o cuidado que se deve ter com a vida; como se deve viver.

Não há muito que dizer:

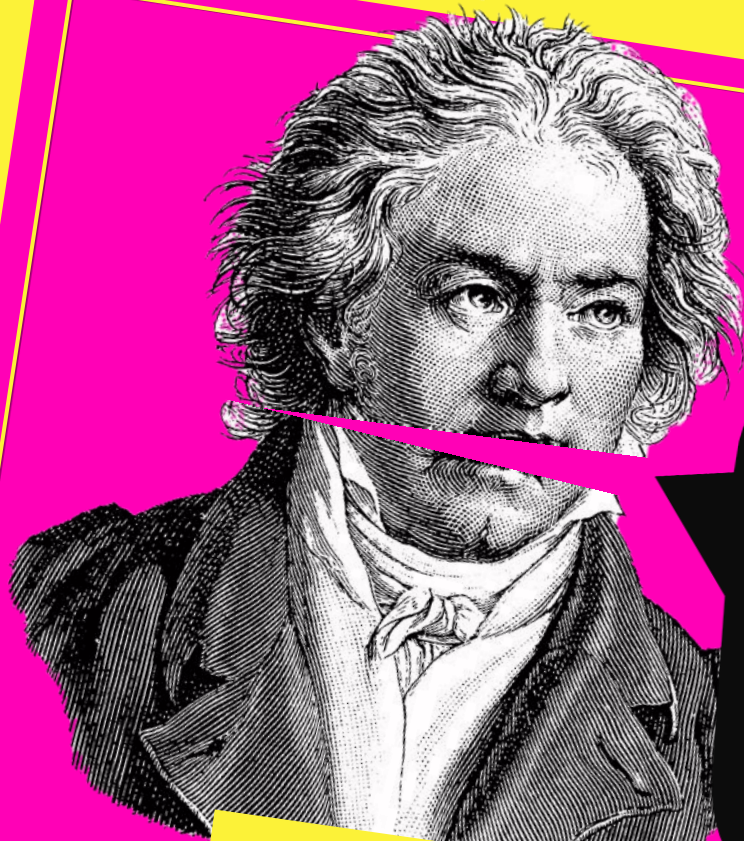
Uma canção sobre um berço
Um verso, talvez, de amor
Uma prece por quem se vai –
Mas que essa hora não esqueça
E por ela os nossos corações
Se deixem, graves e simples.

Pois para isso fomos feitos:
Para a esperança no milagre
Para a participação da poesia
Para ver a face da morte –
De repente nunca mais esperaremos...
Hoje a noite é jovem; da morte, apenas
Nascemos, imensamente.

VERSOS LIVRES

Fechamento de um ciclo

Reflexão sobre a brevidade da vida



CRÍTICA

LITERÁRIA

CATAR FEIJÃO

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Escrever se limita com catar feijão

1.
Catar feijão se limita com escrever:
joga-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na da folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

Apresentação dos elementos da comparação
para o ato de *catar*: escolher *palavras* e
separar a *sujeira*, ou seja, aquilo que é
impróprio entre os grãos

METAPOEMA

ALITERAÇÕES (V.2: G; V.7: P)

REITERAÇÃO DE PALAVRAS
(jogar; catar; boiar; grãos;
palavras)

ELISÃO OU ZEUGMA

(“e as palavras na água da folha
de papel”; “toda palavra boiará
no papel/ que é água congelada
por ser de chumbo seu verbo/
pois para catar esse feijão, é
preciso soprar nele”)

2.

Ora, nesse catar feijão entra um risco: o de que entre os grãos pesados entre um grão qualquer, pedra ou indigesto, um grão imastigável, de quebrar dente. Certo não, quando ao catar palavras: a pedra dá à frase seu grão mais vivo: obstrui a leitura fluviante, flutual, açula a atenção, isca-a como o risco.

Na 1.^a estrofe: o estranho é algo impuro;
Na 2.^a: o estranho, o novo, interrompe
uma leitura tediosa, convida ao risco.

Exposição de uma das consequências do *catar feijão*: o risco que se corre de ficar algo no fundo, sem boiar, e que seja um perigo.

O efeito da pedra no *catar palavras* é diferente do catar feijão: “a pedra dá à frase seu grão mais vivo, / obstrui a leitura fluviante, flutual”

- ▶ Feijão é grão, é palavra; a base da nossa dieta “cultural” em toda sua diversidade de cor, em cada região dos país.
- ▶ A palavra é grão, alimenta e sustenta nossas realizações.
- ▶ O grão nos torna possível, a palavra nos torna real; e na diversidade de grãos e palavras, o poeta nos dá a sua maior lição: os grãos imastigáveis ou pedras, talvez seja o seu grão mais vivo, ou seja, o abstrato, o silêncio e as livres aplicações sintáticas e semânticas, “comunicam”, uma observação de um homem de inteligência e disciplina impar, mesmo quando a cena se apresentava sem curso.
- ▶ Transição da denotação para conotação.

